

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE QUÍMICA

ANA CLARA SILVA MEDEIROS DE CASTRO

As dificuldades enfrentadas por adultos com 30 anos ou mais no curso de Licenciatura em
Química da Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia
2024

ANA CLARA SILVA MEDEIROS DE CASTRO

As dificuldades enfrentadas por adultos com 30 anos ou mais no curso de Licenciatura em
Química da Universidade Federal de Uberlândia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Química da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de licenciada em
Química.

Área de concentração:

Orientadora: Dra. Viviani Alves de Lima

Uberlândia

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C355
2024

Castro, Ana Clara Silva Medeiros de, 2002-
As dificuldades enfrentadas por adultos com 30 anos ou
mais no curso de Licenciatura em Química da Universidade
Federal de Uberlândia [recurso eletrônico] / Ana Clara
Silva Medeiros de Castro. - 2024.

Orientadora: Viviani Alves de Lima.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em
Química.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Química. I. Lima, Viviani Alves de, 1972-
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia.
Graduação em Química. III. Título.

CDU: 54

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

ANA CLARA SILVA MEDEIROS DE CASTRO

As dificuldades enfrentadas por adultos com 30 anos ou mais no curso de Licenciatura em
Química da Universidade Federal de Uberlândia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Química da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de licenciada em
Química

Área de concentração: Ensino de Química

Uberlândia, 24 de abril de 2024.

Banca Examinadora:

Dra. Viviani Alves de Lima – Orientadora (IQUFU)

Dr. Deividi Marcio Marques – Titular (IQUFU)

Dra. Cláudia Medeiros de Castro – Titular (EACH – USP)

Dr. Fábio Augusto do Amaral – Suplente (IQUFU)

Dedico este trabalho aos meus pais, amigos e
professores pelo estímulo, carinho e
compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a professora e amiga Viviani o incentivo, motivação e orientação nesta caminhada acadêmica.

Aos colegas Lucas, Yasmin, Demilze, Thais e Viviane, e aos meus pais por estarem sempre ao meu lado nos meus momentos mais difíceis.

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para a sua
própria produção ou a sua construção.”

(PAULO FREIRE)

RESUMO

A idade mediana da população brasileira aumentou, assim como as necessidades de melhorias em várias camadas sociais, sendo uma delas a educação. Por conta desse aumento, houve também um crescimento no incentivo ao ingresso nas Universidades, independentemente da faixa etária. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo descrever o perfil e os percalços dos discentes, que ingressaram no curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Uberlândia com 30 anos ou mais, com relação as dificuldades e facilidades que encontraram por terem entrado na Instituição tardiamente. Para tanto, fez-se uma pesquisa qualitativa, na qual participaram da coleta de dados 13 discentes do curso que responderam às perguntas abertas e de múltipla escolha do questionário via *Google Forms*. As análises foram feitas baseadas nessas respostas com o intuito de compreender as razões que os levaram a querer ingressar na Universidade, após terem concluído o Ensino Médio a mais tempo, por qual caminho o conseguiram, quais as dificuldades encontradas, bem como, as facilidades, o tipo de relação estabelecida entre os discentes e os professores, e com seus colegas e o que poderia ser feito para melhorar a qualidade do ensino no curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Uberlândia. Sendo assim, pode-se concluir o que levou os discentes a regressarem aos estudos foi a busca por melhoria de vida profissional e pessoal, tendo como maior dificuldade conciliar o trabalho e a família com os estudos e facilidade refere-se à responsabilidade com a aprendizagem.

Palavras-chave: Ingresso tardio; Maturidade; Licenciatura em Química.

ABSTRACT

The mean Brazilian age has increased, just as the need of improvement in many social layers, such as the education field. Because of that increase, there was also a growth in encouraging people to enter Universities, no matter the age. Being so, this assignment will show the profile and the obstacles of the students, who are 30 years old or more, that are / were enrolled in Chemistry Graduation of Universidade Federal de Uberlândia, related with their difficulties and facilities that they found for entering on the Institution later on life. Therefore, 13 students had participated on the data collection and they have answered the questions on *Google Forms*. The analyses were made based on those answers wanting to understand the reasons that took them to want to enter the University a long time after they have finished High School, by which ways were they able to enroll, which were the difficulties found, just as the facilities, the kind of relationship established between the students and the professors, and also with their colleagues, and what could have been done to make the quality of the education of Chemistry Graduation of Universidade Federal de Uberlândia better. With that said, it is concluded that what made the students come back to study was to pursue a better quality of professional and personal life, having the biggest difficulty as to conciliate the job and family with the studies and the biggest facility is referred to be the responsibility with their learning process.

Keywords: Late admission; Maturity; Chemistry Graduation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Gênero dos sujeitos participantes da Pesquisa.....	17
Figura 2 -	Idade dos participantes da Pesquisa.....	17
Figura 3 -	Intervalo de tempo entre o ingresso na UFU e o término do Ensino Médio.....	18
Figura 4 –	Fatores que impactaram o acesso a UFU.....	19
Figura 5 –	Tentativas anteriores de ingresso e quais os anos.....	19
Figura 6 –	Meio de entrada na UFU.	19
Figura 7 –	Quais as dificuldades encontradas por ingressar no ES tardiamente?.....	22
Figura 8 –	Quais as facilidades encontradas por ingressar no ES tardiamente?.....	23

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Relação entre participante e resposta	29
------------	---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
EM	Ensino Médio
ES	Ensino Superior
FIES	Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAD	Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	14
3	METODOLOGIA	15
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	16
5	CONCLUSÃO	30
	REFERÊNCIAS	32
	ANEXO A – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	35

1 INTRODUÇÃO

A população brasileira, no ano de 2022, contava com um contingente de 22.169.101 pessoas com 65 anos ou mais, tendo a idade mediana de 35 anos o que indica que houve um envelhecimento se compararmos com os dados dos anos anteriores, os quais indicavam que, em 2010, essa parcela da população era de 14.081.477 idosos (Brasil, 2023). Segundo o BNDES (2017), esse fator pode ser explicado pelo aumento da expectativa de vida, devido à redução da mortalidade infantil, advindo da urbanização, do avanço no saneamento básico, da vacinação e do acompanhamento do pré-natal, e também a maior sobrevivência dos idosos, e a queda na taxa de fecundidade, recorrente ao aumento na divulgação e ao acesso aos métodos contraceptivos e a entrada das mulheres no mercado de trabalho. O avanço na tecnologia nas áreas de medicina e farmácia, também contribuem para a diminuição da taxa de mortalidade infantil, assim como, a busca por estilo de vida mais saudável corroborando com o aumento da expectativa de vida (Centro Universitário São Camilo, 2021).

Contudo, Veras (2009) aponta que, o aumento na idade da população traz alguns problemas para a sociedade, pois se esse aumento se der de uma maneira na qual os idosos passem a ficar mais velhos e sem bem-estar, haverá uma maior demanda na área da saúde – visto que as internações hospitalares ocorrem de maneira mais frequente e os leitos ficam ocupados por um tempo maior.

De acordo com a Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios, as complicações no setor econômico se dão, devido ao fato dos idosos viverem de aposentadoria e pensões que tem sido desvalorizadas o que volta a afetar o setor social, visto que muitos passam a ser colocados em instituições de longa permanência e não são capazes de assegurar assistências pelos planos de saúde (PNAD, 2007). Guimarães (2006), reforça que os idosos vivem de pensões e aposentadorias, adicionando ainda as poupanças efetuadas durante a vida (em grupos com maior poder econômico), fazendo com que sua renda possua caráter mais permanente.

Ainda sobre o setor econômico, este também é afetado por conta da redução ou declínio na oferta de trabalhos para a terceira idade e alterações nos padrões de consumo (Zanon, Moretto e Rodrigues, 2013). Essa mudança nos nichos de consumo se dão pelo declínio nas áreas de educação, transporte, bens duráveis e lazer (Hagemann e Nicoletti, 1989).

É fato que há uma necessidade em suprir as demandas de saúde para essa parte da população, porque assim eles podem se tornar idosos que são ativos na sociedade e ter um

aumento no consumo nos setores de educação, lazer e transporte. Não apenas os idosos, mas com a democratização da educação toda a população pode contar com uma melhora na qualidade de vida, uma vez que o diploma do Ensino Superior (ES) abre portas para o aumento de salário e também incrementa o capital cultural e social (Almeida Neto, 2013). Sendo assim, com maior renda e capital cultural e social, é possível que a população envelheça de maneira mais saudável, além de continuar movimentando a economia.

Desde 2013, o governo vem incentivando o retorno aos estudos da população adulta e idosa com os cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) (Brasil, 2008). Segundo Vargas (2013), ocorreu a multiplicação de campus de antigas Universidades fora das capitais, novas Universidades Públicas, ampliação do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), criação de cotas e ofertas de bolsas em instituições privadas através do Programa Universidade Para Todos (PROUNI). Nas instituições privadas também há o projeto Educa Mais Brasil que concede bolsas de até 70% para discentes de todas as idades e rendas para que possam estudar em instituições parceiras – funcionando há 17 anos (Galindo, 2004).

Nesse contexto, essa pesquisa tem como foco os discentes que possuem 30 anos ou mais, por estarem perto da idade mediana da população brasileira, que ingressaram no curso de Licenciatura em Química na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Para tanto, o objetivo será de verificar e levar em consideração quais são os motivos pelos quais houve um tempo maior entre o fim do Ensino Médio (EM)] e o ingresso na Universidade, quais as aspirações em se formarem nesse curso, assim como quais são as dificuldades e facilidades encontradas por eles.

1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Explicitando melhor as dificuldades dos discentes, estas podem ser advindas dos Percalços ao longo do tempo sem estudar, o que pode causar medo pela diferença de idade e dificuldades de memória e aprendizagem, Raposo e Günther (2008). Outros fatores são o percurso da educação básica, o capital econômico, social e cultural desses sujeitos (Paula, 2017). Além desses, Santos e Silva (2011) apontam que alguns estudantes evadem das Universidades por precisarem trabalhar ou cuidar dos filhos. Para mais, de acordo com Matta; Lebrão e Heleno (2017), a Universidade é responsável por dar meios de apoio aos discentes visando sua permanência na Instituição, seja provendo psicólogos ou fazendo atividades de integração.

Ademais, conforme Guerreiro-Casanova e Polydoro (2011, apud. Almeida, 2004), o universitário necessita lidar com os desafios presentes nos quatro domínios:

- i) Acadêmico: responsabilidade e ritmo de estudos, assim como estratégias de aprendizagem.
- ii) Social: padrões de relacionamentos interpessoais com os diferentes grupos e de forma mais madura.
- iii) Pessoal: maior conhecimento de si, desenvolvimento da autoestima e da visão pessoal do mundo, ou seja, caracterizar a identidade própria.
- iv) Carreira/vocacional: busca da identidade vocacional, tomar decisões e ter compromisso com as metas estabelecidas.

A partir desses domínios, existem também quatro tipos de autoeficácia na formação superior, conforme os autores supracitados:

1. Autoeficácia em ações proativas: aproveitar as oportunidades de formação para promover e atualizar os conhecimentos institucionais.
2. Autoeficácia acadêmica: aprender o conteúdo ministrado no curso para que possa demonstrá-lo e aplicá-lo.
3. Autoeficácia na regulação superior: Saber planejar, estabelecer metas, fazer escolhas e autorregular suas próprias ações durante o processo de formação e desenvolvimento.
4. Autoeficácia na gestão acadêmica: saber se envolver, planejar e cumprir os prazos estabelecidos para as atividades acadêmicas (Guerreiro-Casanova e Polydoro (2011, apud. Almeida, 2004)).

Para além desses fatores citados, de acordo com Lapssey e Edgerton (2002 apud QUINTAS et al., 2014), para que os estudantes possam permanecer no Ensino Superior é necessário que possuam padrões de vinculação seguros aliados com o círculo familiar e de amigos. Além disso, é importante que os profissionais da área da educação saibam como integrar o ensino entre as diferentes gerações que estão presentes nas salas de aula das Universidades, incentivando a autonomia e se atentando aos diferentes contextos que esses discentes estão inseridos (SIMÃO; FRISON, 2013 apud AREOSA et al, 2016).

Por fim, o trabalho de Barbosa e Oliveira (2022) será utilizado como base comparativa para essa produção, uma vez que os autores também discutem sobre o ingresso tardio – este é definido como ingresso após os 24 anos de idade, pois o Plano Nacional de Educação – Lei nº 13.005/2014 estabelece como meta e idade ideal para frequentar o ES dos 18 aos 24 anos –, na universidade, com enfoque nos estudantes de química. A diferença se dá apenas que o objeto de estudo dos autores são os discentes da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Para tanto, tem-se que as formas de ingresso dos discentes da UECE foram vestibular (18,2%) e ENEM (81,8%); o tempo decorrido entre o fim do EM e o ingresso na UECE foi de 63,6% igual ou superior a 5 anos e 27,3% igual ou superior a 10 anos; já as variáveis que impactaram no acesso à UECE, tem-se que não prestou vestibular/ENEM devido à outras prioridades (59,1%) e desempenho/insucesso pessoal (36,4%); já as razões para o baixo rendimento nos semestres iniciais a falta de ritmo nos estudos conta com 40,9% das respostas, pouco conhecimento / base ruim do EM 27,3% assim como a falta de tempo para assimilar o conteúdo; e as razões para o baixo rendimento atual dos alunos se dão por conciliar trabalho com estudos (63,6%), responsabilidades com a família (13,6%) e tempo entre o EM e o ingresso na UECE (13,6%). E também algumas respostas para a pergunta aberta “Quais sugestões poderiam ser aplicadas para a melhoria do rendimento acadêmico? ”, como: maior compreensão por parte dos professores assim como a mudança de metodologia, realização de mais exercícios dentro da sala de aula e a criação de grupos de estudos.

2 METODOLOGIA

Essa é uma pesquisa qualitativa, pois de acordo com Pope e Mays (2005), esse tipo de pesquisa está ligado às vivências e à interpretação compreendida destes fenômenos sociais. Para eles,

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.) em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (POPE; MAYS, 2005, p.13, grifos do autor).

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um formulário do *Google Forms* para adquirir a resposta dos discentes participantes da pesquisa. A partir das respostas do formulário, emergiram-se categorias específicas, assim como a possibilidade de traçar o perfil dos participantes e com isso será possível descrever suas vivências e pontos de vista. Sendo assim, poder-se-á observar quais são as melhorias que poderiam ser feitos dentro da Universidade para que esses discentes se sintam mais acolhidos e possam tirar o máximo proveito de seu ensino. Nesse trabalho, os discentes serão identificados como S_x , sendo x o número correspondente a ordem de preenchimento do *Google Forms* e S com sujeitos da pesquisa.

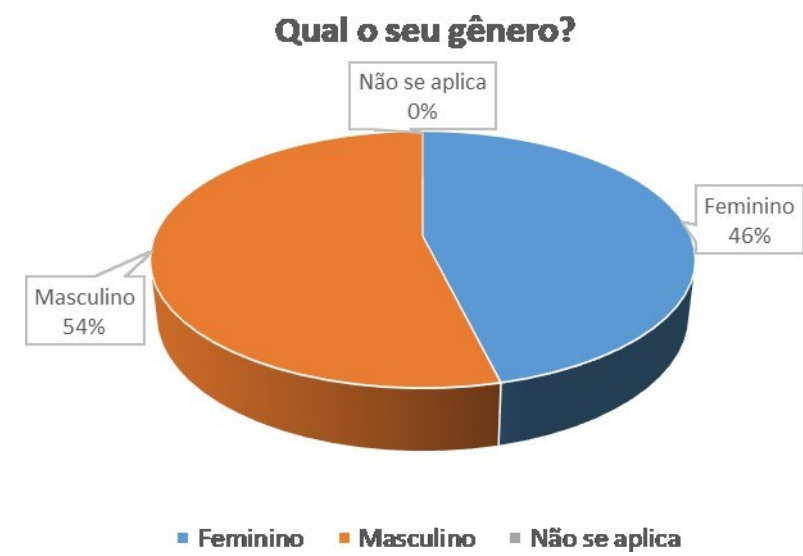
O formulário foi enviado via *WhatsApp*, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), que deveria ser lido pelos sujeitos da pesquisa antes de responder e assinado digitalmente, ou impresso e escaneado. O prazo dado aos sujeitos participantes da pesquisa foi de uma semana para o envio do formulário preenchido, em conjunto com o termo.

A seleção dos integrantes foi realizada de maneira intuitiva e classificatória, perguntando a idade dos licenciandos das turmas atuais, e o contato de egressos junto aos professores.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

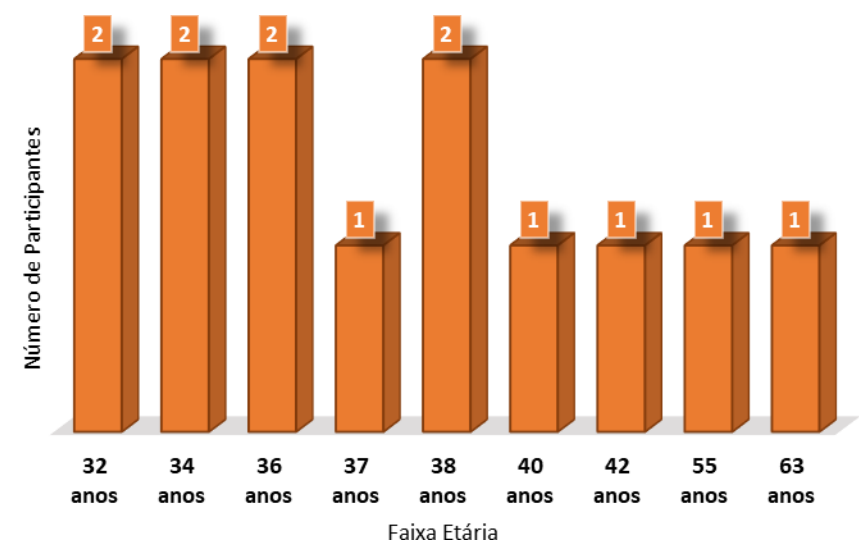
Ao todo, participaram da pesquisa 13 discentes do curso de Licenciatura em Química da UFU, sendo 7 do gênero masculino e 6 do gênero feminino, como mostra a figura 1. Com relação a idade, há uma variação entre 32 a 63 anos, conforme indicado na figura 2. Além disso, questionou-se sobre o intervalo de tempo levado entre o término do Ensino Médio e o ingresso na UFU, figura 3. Desse modo, pode-se traçar o perfil dos discentes.

Figura 1: Gênero dos participantes da Pesquisa.



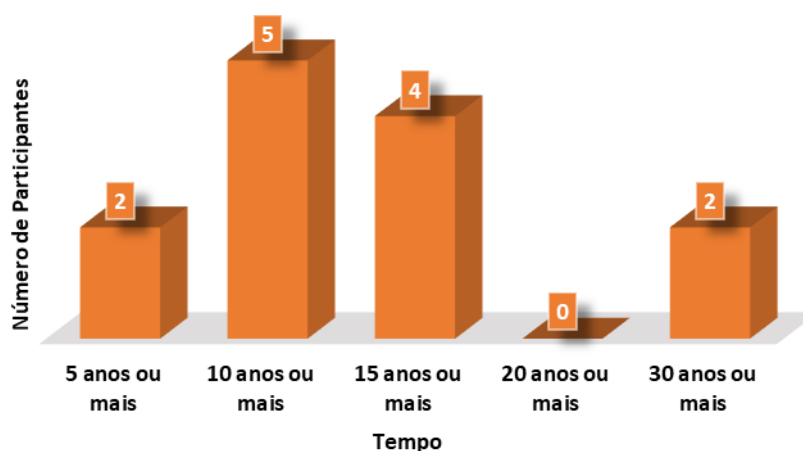
Fonte: A autora.

Figura 2: Idade dos participantes da Pesquisa.



Fonte: A autora.

Figura 3: Intervalo de tempo entre o ingresso na UFU e o término do Ensino Médio.



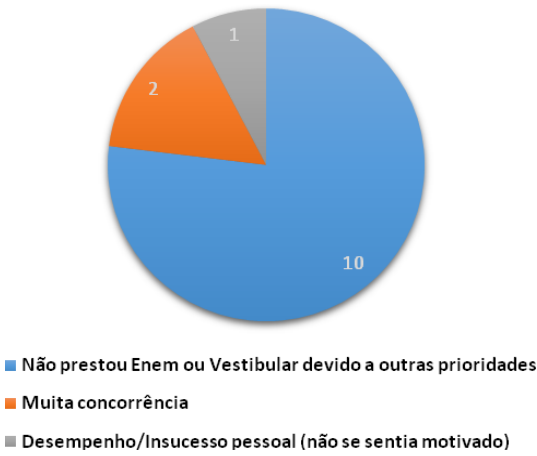
Fonte: A autora.

Após averiguar as idades, percebe-se que 69,3% dos discentes estão entre os 32 aos 38 anos e que 30,7% possui idade entre 40 a 63. Já com relação a figura ao intervalo de tempo entre o ingresso na UFU e o término do EM, nota-se que 84,7% levaram de 15 anos ou mais para entrar na Universidade, após o término do EM, enquanto 15,3% demorou de 20 a 30 anos ou mais. Esses dados são coerentes, pois se 9 dos participantes (69,3%) têm até 38 anos, então eles podem ter demorado até 20 anos para ingressar na Universidade (correspondente aos 84,7%), enquanto os 4 que possuem de 40 a 63 anos podem ter levado 20 anos ou mais para entrar no curso, o que corresponde aos 15,3%.

Os dados apresentados aqui, se diferenciam com as informações apresentadas por Barbosa e Oliveira (2022), pois na pesquisa deles 63,6% dos entrevistados levou um tempo igual ou superior a cinco anos, sendo que a maioria dos licenciandos em Química da UFU levou de tempo igual ou superior a 15 anos. E a menor porcentagem desses autores se deu para igual ou superior a 15 anos e 20 anos, sendo que no curso da UFU as menores porcentagens se deram com tempo igual ou superior a 5, 20 ou 30 anos.

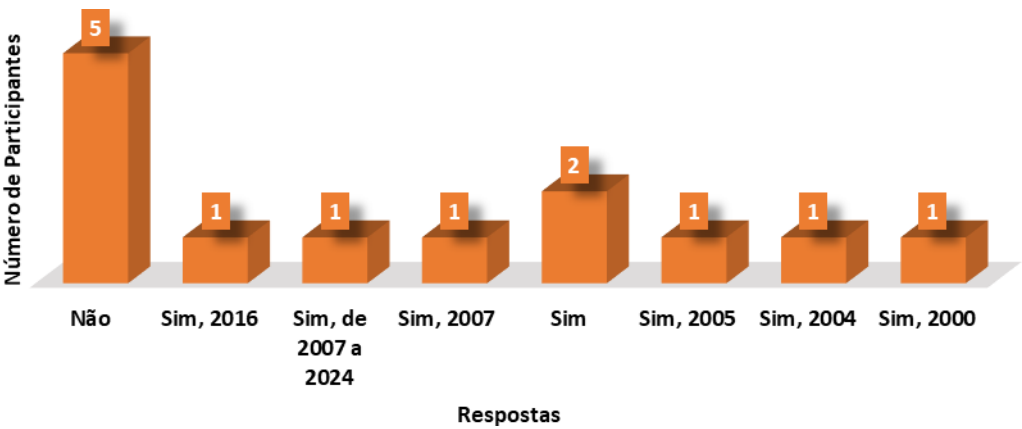
Complementando o perfil dos discentes, averiguou-se quais fatores impactaram ao acesso a UFU, se já haviam tentado ingressar antes e por qual meio entraram na Universidade, esses dados estão registrados nas figuras 4, 5 e 6 respectivamente. Com essas informações, é possível compreender o que os fez levar de 5 a 30 anos mais para entrar na Instituição após terminarem o EM.

Figura 4: Fatores que impactaram o acesso a UFU.



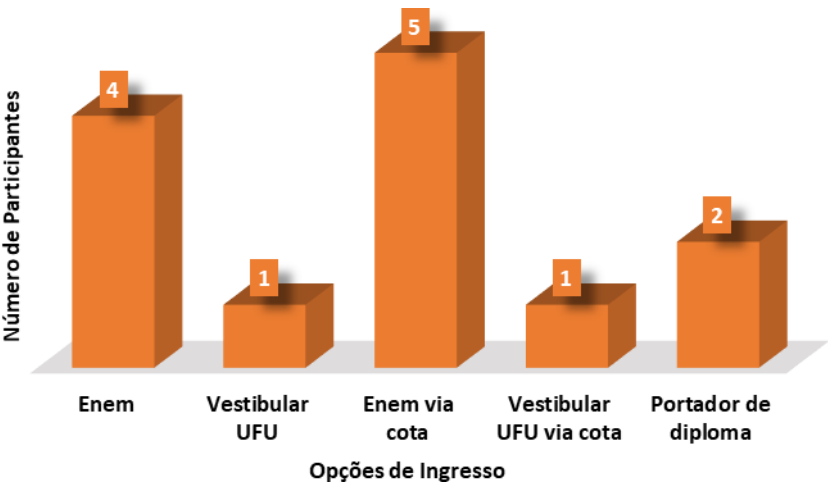
Fonte: A autora.

Figura 5: Tentativas anteriores de ingresso e quais os anos.



Fonte: A autora.

Figura 6: Meio de entrada na UFU.



Fonte: A autora.

Ao observar os fatores que impactaram o acesso a UFU, constata-se que 10 discentes não prestaram ENEM ou Vestibular anteriormente, pois tinham outras prioridades em suas vidas. Além disso, 2 discentes acreditam que havia muita concorrência o que dificultou o acesso a educação de Ensino Superior e 1 não se sentia motivado o suficiente para tentar. De acordo com Barbosa e Oliveira (2022), esses dados se confirmam, visto que em sua pesquisa 59,1% (maioria) não ingressou anteriormente por não terem prestado vestibular/ENEM, seguido pelo desempenho/insucesso pessoal (36,4%) e alta concorrência (4,5%).

Analisando as tentativas de ingresso anteriores, pode-se notar que 5 discentes não pretendiam cursar o ensino superior e os outros 8 sim, buscando entrar na UFU, porém em épocas muito distintas (anos 2000, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017).

As declarações dos S₉, S₈, S₅ S₄, serão retratadas a seguir. Estas são respostas a pergunta “Já havia tentado ingressar antes? Se sim, quando? ”:

Sim, desde 2000, tentei entrar na USP, UNICAMP e UNESP, passa da primeira fase, mas na segunda fase a nota nunca era suficiente, em 2008 eu prestei vestibular na UFU e entrei, porem abandonei qdo meu filho nasceu, não tive suporte emocional para administrar estudar, o nascimento do o X (filho do sujeito)¹ e uma separação conturbada (S₉).

Sim, 2004 ano que finalizei o EM (S₈).

Logo após o ensino médio, 2007 ou 2008 através do vestibular, não passei na segunda etapa (S₅).

Sim de 2007 a 2018 (S₄).

Sim em 2016, mas por falta de informação não continuei (S₃)

Esses quatro relatos confirmam a existência de muita concorrência. Além disso, com o relato de S₃, percebe-se que outro fator importante é a informação. Se os professores e familiares não forem capazes de orientar os jovens durante o período do EM, é possível que muitos deles acabem por não tentarem entrar no ES por não saberem como. Isso é ruim, porque muito provavelmente esses discentes têm grandes potenciais e poderiam se desenvolver extremamente bem no meio acadêmico ou se especializando nas profissões desejadas.

Com relação ao meio de entrada na UFU, percebe-se que 9 discentes ingressaram via ENEM, sendo 5 deles via cota, enquanto 2 pelo vestibular da UFU (metade por ampla concorrência e a outra metade via cota) e 2 são portadores de diploma. Comparando as informações acima com as apresentadas por Barbosa e Oliveira (2022), os dados são

¹ Nota da autora, não identificação do sujeito.

diferentes. Para os autores, 81,8% entraram na Universidade Estadual do Ceará (UECE) pelo vestibular e apenas 18,2% pelo ENEM – não é especificado se foi por cotas ou ampla concorrência em nenhum dos dois casos – o que é o oposto dos dados presentes neste trabalho.

Em seguida, buscou-se compreender os motivos pelos quais os participantes optaram por cursar Licenciatura em Química na UFU. Separou-se algumas das respostas para melhor compreensão.

Sempre tive vontade de cursar a graduação, mas não me sentia capaz de cursar uma federal e não tinha dinheiro para pagar. tanto quando fiz o ENEM foi sem pretensão, achei que não passaria (S₃).

Sou técnica em controle ambiental, também formada pela UFU e para crescimento dentro da empresa minha coordenadora incentivou a tentar química (S₄).

Tentar arrumar emprego na área de atuação, e com isso poder melhorar a minha vida, e do meu filho (S₉).

Percebi a real necessidade de me capacitar com graduação devido as oportunidades de trabalho que perdi por não ter a graduação (S₁₁).

Tenho tempo livre por ser aposentado. Meus filhos já estão criados. Sempre gostei de química. (S₆).

Obter formação superior em instituição de ensino público federal para melhoria de vida profissional e pessoal. Também por ser um sonho que demorei a começar a realizar (S₁).

As respostas obtidas puderam ser agrupadas em 6 categorias:

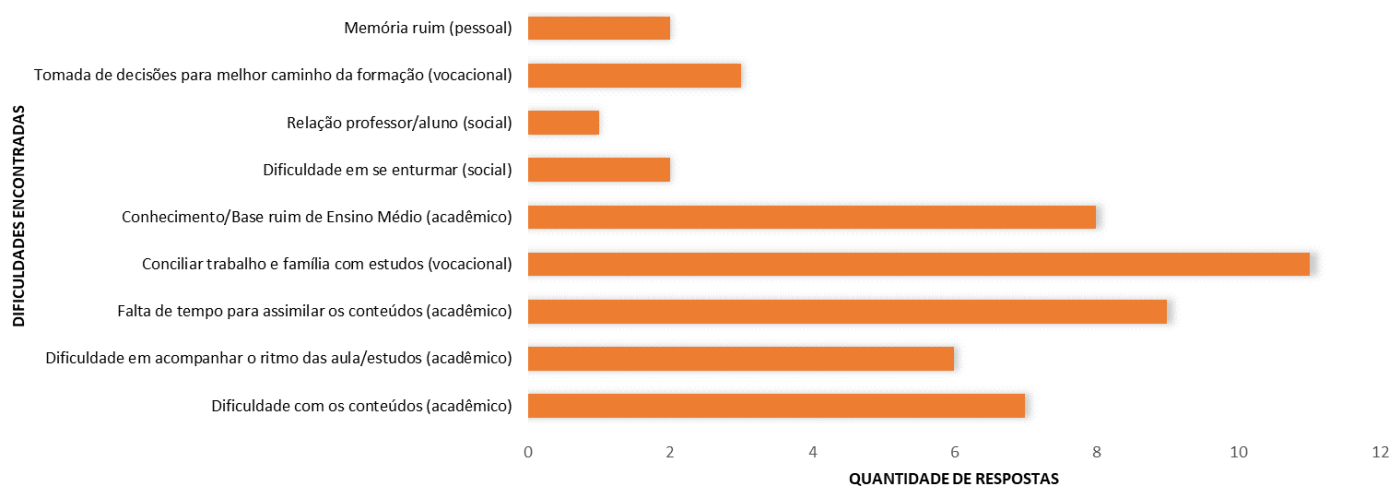
- 1- Melhoria de vida profissional
- 2- Melhoria de vida pessoal
- 3- Realização de um sonho
- 4- Vontade de obter formação no Ensino Superior
- 5- Tempo livre
- 6- Gosto por estudar

Para a categoria 1, se enquadram as respostas de S₄, S₉, S₁₁ e S₁, pois relatam que buscam trabalhar na área ou que foram incentivados pelos superiores para que pudessem crescer dentro da empresa ou por vontade própria para crescer profissionalmente. Com relação a categoria 2, temos os relatos de S₁ e S₉, uma vez que dizem claramente que querem ter melhoria de vida. Passando para a categoria 3, o relato de S₁ diz abertamente que era seu sonho ingressar em uma Federal, mas que demorou a conseguir. Já a categoria 4 é representada pela fala de S₃ ao apontar que sempre foi de sua vontade estudar em uma Universidade Federal. Por fim, as categorias 5 e 6 se encaixam na fala de S₆ que diz que gosta

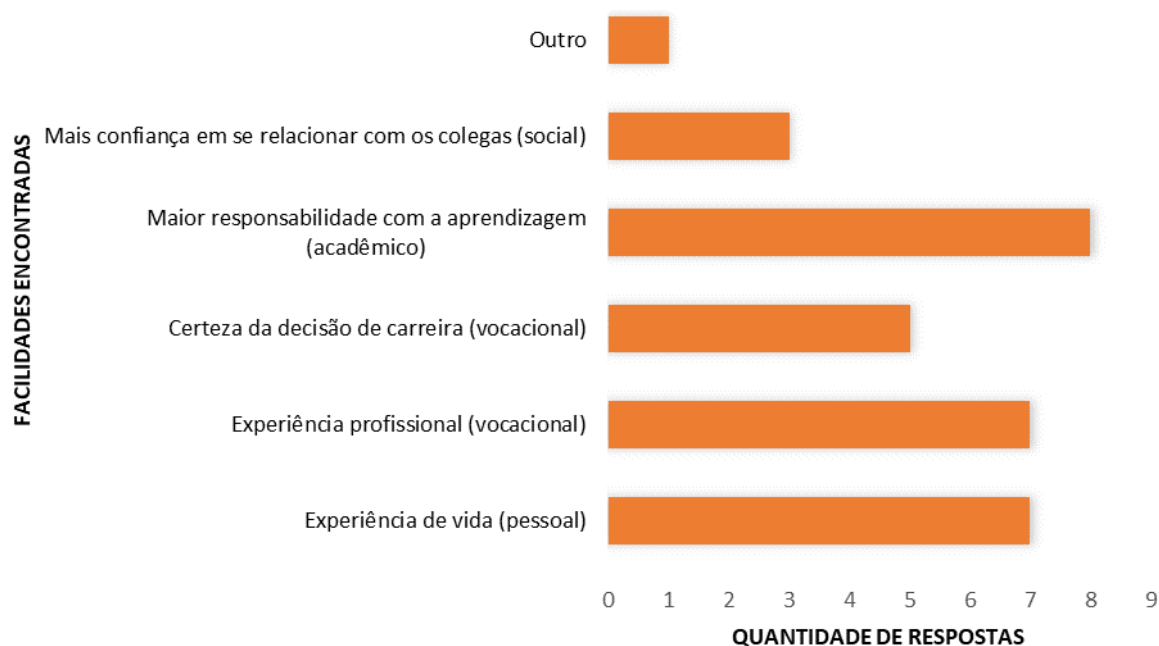
de química e que por estar aposentado e ter os filhos criados, pôde voltar aos estudos. Os relatos de S₄, S₉, S₁₁ e S₁ se enquadram na Autoeficácia em ações proativas e na Autoeficácia na regulação superior apontadas por Guerreiro-Casanova e Polydoro (2011).

Após reconhecer o meio de ingresso e os motivos, estava na hora de entender quais foram as dificuldades e facilidades encontradas ao ingressar no Ensino Superior tardiamente (não sendo logo após o término do Ensino Médio). Para isso, os dados estão representados nas figuras 7 e 8, respectivamente.

Figura 7: Quais as dificuldades encontradas por ingressar no ES tardiamente?



Fonte: A autora.

Figura 8: Quais as facilidades encontradas por ingressar no ES tardiamente?

Fonte: A autora.

Analisando as dificuldades encontradas por ingressar no ES tardiamente, percebe-se que o maior obstáculo encontrado pelos discentes é conciliar o trabalho e família com os estudos (11 respostas). Em segundo lugar, encontra-se a falta de tempo para assimilar os conteúdos (9 respostas), o que corrobora com a afirmação anterior, e em terceiro lugar (9 respostas) tem-se que o conhecimento/base adquirida no Ensino Médio foi ruim, o que dificulta a vida acadêmica dos discentes. Por fim, a menor queixa de dificuldade apresentada foi a relação professor/aluno com 1 resposta. Comparando esses dados com a pesquisa feita na UECE (Barbosa e Oliveira, 2022), observa-se que as respostas são parecidas, pois a maior parte dos discentes de Química dessa Universidade queixaram-se que a maior dificuldade é conciliar o trabalho com os estudos (63,6%), seguido por responsabilidade com a família (13,6%) e tempo entre EM e o ingresso na UECE (13,6%).

Além disso, as respostas de conciliar o tempo de estudos com trabalho e família se encaixa no domínio Carreira/Vocacional, a falta de tempo para assimilar os conteúdos entra em Acadêmico, assim como o conhecimento/base ruim no EM, e a relação professor/aluno se enquadra no Social. O único domínio que não ganhou tanto destaque pelos participantes foi o Pessoal. Esses são os domínios apresentados por Guerreiro-Casanova e Polydoro (2011).

Com relação as facilidades, destaca-se em primeiro lugar a maior responsabilidade com a aprendizagem (8 respostas) e em segundo – empatado – as experiências de vida e

profissional com 7 respostas cada. Esses dados indicam que com a idade, a maturidade realmente chega, inclusive por conta das responsabilidades no trabalho e família, o que impacta diretamente na maior responsabilidade com a aprendizagem. Além disso, quanto mais tempo de vida, maior serão as experiências coletadas o que trazem facilidades nos campos sociais e profissionais. Essas respostas se encaixam nos domínios Acadêmico, Pessoal e Vocacional, respectivamente, anunciados por Guerreiro-Casanova e Polydoro (2011). Ademais, o formulário apresentou uma resposta na categoria “outro”: *Nunca achei nenhuma facilidade ao ingressar na faculdade, mesmo porque não tenho bons olhos para minha pessoa, sempre achei que o problema era eu, minha baixa estima é péssima* (S₉).

Essa também é uma triste realidade apresentada em todas as idades. Muitos discentes acabam não tendo sucesso acadêmico por terem autoestima baixa, então uma boa relação com os colegas e professores da Universidade ajuda muito esses discentes. Assim, eles sabem que não estão sozinhos e que têm uma rede de apoio, Matta; Lebrão e Heleno (2017).

Um enfoque maior será dado nas categorias permanecer na Universidade e acolhimento por parte dos colegas e professores. São pontos importantes a serem considerados, porque depois de toda a luta que tiveram para ingressar no curso também é difícil continuar nele, bem como, a relação com os colegas e professores são essenciais para dar seguimento aos estudos.

Alguns relatos sobre a pergunta aberta “Você encontra / encontrou dificuldades em permanecer na Universidade? Se sim, qual / quais? ”, serão transcritas a seguir.

Sim, pelo fato de ter notas geral baixa, fazia com que eu achasse que não merecia a vaga, a falta de tempo para estudar e melhorar as notas (e os problemas com ansiedade na hora da prova (esquecimentos (famoso branco), enjoo devido ao nervosismo) fazia eu sempre achar que não merecia nada, fazer trabalho em grupo tb é muito difícil, pois perante aos outros quem não tem nota boa não é bem-vindo nos grupos. Prof tb não olha com bons olhos, só é alguém na UFU se vc tem nota alta, estuda muito, quem trabalha e tem família, nunca tem acesso a nada (não pode fazer nenhum projeto por falta de tempo, e fica sempre por fora) (S₉).

Sim. Eu concluí todas as disciplinas do curso no tempo integral, mas posterguei o TCC para mais dois anos. No ano seguinte ao terminar as disciplinas veio a pandemia, perdi emprego e tive problemas pessoais, e isso acabou me desmotivando a concluir o curso (S₂).

Sim, dificuldade para estudar e que família, tempo, pandemia, trabalho sempre tomava muito tempo conciliar tudo e muito difícil e cansativo fisicamente e mentalmente (S₃).

Sim. Muitas. A falta de tempo para estudar, devido a necessidade de trabalhar, o tempo que demorei para retomar os estudos, as dificuldades em conteúdos específicos (S₁).

Sim tenho encontrado. Dificuldades de concluir algumas disciplinas que são específicas do curso e que muitas vezes não consigo assimilar o conteúdo (S₁₀).

Sendo assim, com relação as dificuldades encontradas em permanecer na Universidade, pode-se agrupar-las em 10 categorias:

- 1- Não
- 2- Falta de tempo para estudar
- 3- Conciliar o trabalho e família com os estudos
- 4- Dificuldade com os conteúdos específicos
- 5- Dificuldade em terminar o trabalho de conclusão de curso (TCC)
- 6- Pandemia
- 7- Problemas pessoais
- 8- Cansaço físico e mental
- 9- Notas baixas aumentando a baixa estima
- 10- Ansiedade para realizar provas

O relato de S₉ se enquadra nas categorias 2, 3, 9 e 10, enquanto o de S₂ entra nas categorias 5, 6, 7 e 8. Seguindo para o relato de S₁ e S₃, eles se encaixam nas categorias 2 e 3, diferenciando nas categorias 6 e 8 (relato de S₃) e 4 (relato de S₁). Por fim, o relato de S₁₀ volta a se encaixar na categoria 4.

Em relação aos domínios apontados por Guerreiro-Casanova (2011), as categorias 2, 4, 9 e 10 conversam com os domínios Acadêmico, já a categoria 3, 7, 8 com o domínio Pessoal, enquanto que a categoria 5 corresponde ao domínio Carreira/vocacional.

Para a próxima a pergunta aberta “Você considera que foi / é acolhido por seus colegas discentes? E pelos professores? Justifique. ”, tem-se as seguintes respostas:

Sim. Não vi nenhuma dificuldade, pelo contrário, fiz diversas amizades de várias idades (S₄).

Sim. Uma das grandes qualidades do curso de química Licenciatura é a dedicação e acolhimento dos professores. Sempre me ajudaram e foram muito compreensivos

quanto as dificuldades externas, com destaque para ... (professores do sujeito)² (S₇).

Fui acolhida por alguns colegas que sempre me apoiaram e me incentivaram a permanecer no curso, me comparavam a outros alunos que nem trabalhavam e tbm estava com dificuldade de fazer todas as matérias. E fui acolhida também por alguns professores, a ... (professor do sujeito)³ é minha orientadora e sempre me incentiva nas ideias pra aula, nas atividades pra levar pra escola, no querer sempre estar na escola buscando planos de aula mais interessantes para os alunos (S₈).

Em partes sim, pois o X (filho do sujeito)⁴ ia para as aulas comigo, então nesse quesito, não tenho do que reclamar. Todos os professores aceitaram ele nas aulas, ele ganhou presente de um professor por ser o “aluno que mais prestou atenção”, a Y (amiga do sujeito)⁵ me ajudava com o X na hora de ir embora (a gente ia de ônibus, e ele dormia) ela me ajudava a carregar ele, as vezes ganhava carona ate o terminal. Ele adorou a prof ... (professores do sujeito)⁶ (fez até uma pulseira (de borrachinhas) para ele, o ... (professores do sujeito)⁷ (S₉).

De maneira geral sim. Não tive problema nenhum com qualquer colega ou professor. Mas creio que isso tem a ver mais com o comportamento, pois sou mais introvertido e sempre interajo pouco em qualquer campo (S₂).

Pelos colegas sim, professores foram raros, muitos professores acham que temos os conteúdos do ensino médio na mente igual o pessoal que sai do ensino médio, e muitos desses professores não ligam e nem mostram como rever isso mais os pessoal que esta muito tempo longe da educação (S₃).

Com relação ao acolhimento, é possível separar os depoimentos em 4 categorias:

- 1- Sim, pelos professores e colegas.
- 2- Sim, mas não aproveitou tanto por ser introvertido.
- 3- Pelos colegas sim, mas raramente pelos professores.
- 4- Sim, muito acolhimento pelos professores e muito compreensivos.

O relato de S₄ se enquadra na categoria 1, pois afirma que fez várias amizades de diferentes idades. Já as falas de S₇, S₈ e S₉ se encaixam nas categorias 1 e 4. Por fim, os relatos do S₂ e da S₃ se enquadram nas categorias 2 e 3 respectivamente. Sendo assim, as categorias 1, 3 e 4 estão dentro do domínio Social de Guerreiro-Casanova e Polydoro (2011), enquanto que a categoria 2 está no domínio Pessoal.

² Nota da autora, não identificação do sujeito.

³ Nota da autora, não identificação do sujeito.

⁴ Nota da autora, não identificação do sujeito.

⁵ Nota da autora, não identificação do sujeito.

⁶ Nota da autora, não identificação do sujeito.

⁷ Nota da autora, não identificação do sujeito.

Transcrever-se-á alguns dos relatos a pergunta aberta “Teria algo que você modificaria no Ensino Superior para que tornasse o seu processo de aprendizagem mais eficaz? ”.

Acho que é complicado pois vai das necessidades de cada um, pra mim preciso de tempo para estudar assimilar o conteúdo mas também da dinâmica ou didática do professor ao ministrar o conteúdo, observando os alunos se compreende a matéria (S₁₁).

Um programa mais curto e direcionado para os portadores de diploma. Pois eram disponibilizadas poucas matérias por período o que estendia muito o curso (S₇).

Acredito que ter mais monitores, pessoas disponíveis para nos auxiliar em alguns conteúdos pelo menos os mais complexos, ajudaria bastante (S₁₀).

Talvez uma aplicação do projeto café na química com as pré matérias, fazendo com que as defasagens diminuíssem pelo menos um pouco (S₉).

As respostas foram divididas em 10 categorias:

- 1- Adequar horário de atendimento, aulas de reforço e palestras para os discentes que trabalham.
- 2- Aumentar o contato com a prática.
- 3- Professor se adaptar a turma e ensinar de acordo com as necessidades daquela turma.
- 4- Diminuir a quantidade de tarefas.
- 5- Programa mais curto para os portadores de diploma.
- 6- Grade horária mais flexível e maior tempo para conclusão do curso.
- 7- Ampliação do projeto Café na Química (darem mais aulas de pré-cálculo e pré-química)
- 8- Aumentar a quantidade de monitores.
- 9- Possibilidade de se ter matérias *online*.
- 10- Nada.

S₁₁ comenta que a didática do professor para cada turma e o tempo de estudo são questões importantes para seu aprendizado, enquadrando-se na categoria 3. Já a fala de S₇ traz uma situação significativa referente aos portadores de diploma, pois por ser a segunda graduação, muitos dos conteúdos já foram vistos o que poderia deixar a grade horária menor e

mais flexível, fazendo parte então da categoria 5. Por fim, os relatos da S₁₀ e S₉ entram nas categorias 8 e 7 respectivamente.

A demanda sobre maior compreensão por parte dos professores assim como a mudança de metodologia também é encontrada na pesquisa realizada por Barbosa e Oliveira (2022). Outras sugestões acrescentadas pelos alunos da UECE que não foi mencionada pelos discentes da UFU é a realização de mais exercícios dentro da sala de aula, assim como a criação de grupos de estudos.

Para finalizar a coleta de dados, foi perguntado se os discentes de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Uberlândia pretendiam atuar na área. Se a resposta fosse negativa, pediu-se para que explicassem. A tabela 1 mostra todas as repostas dos participantes para essa pergunta.

Tabela 1: Relação entre participante e resposta.

Entrevistado	Resposta
S₁	<i>Sim. Estou me esforçando e aprendendo para ser professor e assim como alguns meus, mudar a realidade do maior número possível de pessoas.</i>
S₂	<i>Talvez. Tenho muito tempo de atuação na área química na indústria, portanto acaba sendo mais rentável. Porém, já pensei em futuramente prestar concurso para o estado.</i>
S₃	<i>Hoje trabalho na indústria, mais gostaria de atuar sim na área da licenciatura, o medo ainda é um grande desafio, e conhecer os caminho para chegar lá tbm.</i>
S₄	<i>Não lecionando como professora, pretendo continuar na minha área laboratorial, onde já estou a 10 anos, mais precisamente na indústria.</i>
S₅	<i>Não, pois já sou servidor público municipal e não pretendo abrir mão da carreira para tentar a docência no momento.</i>
S₆	<i>Não sei. Estou fazendo só para ocupar o tempo.</i>
S₇	<i>No momento não, pois não finalizei minha graduação na licenciatura ainda. Mas quando finalizar, sim.</i>
S₈, S₉, S₁₀ e S₁₁	<i>Sim.</i>
S₁₂	<i>Talvez. Como sou concursado em outro setor, levo atuar na Licenciatura como uma possibilidade.</i>
S₁₃	<i>Sim. Tenho minha carreira mas posso, se me sentir bem, conciliar com algumas aulas.</i>

Fonte: A autora.

Observando a tabela 1, nota-se que 8 discentes entre os 13 têm a intenção de seguir o caminho da licenciatura, mesmo que não no presente momento e 3 do total, ainda estão em dúvida, porém não descartam a possibilidade. Por fim, 2 do todo, não gostariam de atuar na área, pois já trabalham em outros setores da indústria. Essas escolhas são pessoais e estão sujeitas há mudanças, porém, a partir das respostas, pode-se condizer na Autoeficácia em ações proativas e na Autoeficácia acadêmica de Guerreiro-Casanova e Polydoro (2011).

6 CONCLUSÕES

Após a análise dos dados coletados, conclui-se que não há uma grande diferença entre a quantidade de discentes do sexo masculino (53,8%) e do feminino (46,2%). Porém, a idade de ingresso dos participantes tem uma grande variação que vai dos 32 aos 63 anos, tendo a maioria entre 32 a 38 anos de vida. Com relação ao intervalo de tempo entre o ingresso na UFU e o término do EM, a maioria (9 entre 13 participantes) levou de 10 a 15 anos ou mais, e o motivo principal responsável por esse intervalo de tempo se deve ao fato de que não prestaram o ENEM ou Vestibular devido a outras prioridades (10 respostas de 13).

Buscando mais a fundo, percebeu-se que, além do fator de terem outras prioridades, alguns participantes já haviam sim, empenhando-se a ingressar na IES anteriormente, ocasionalmente tentando mais de uma vez. E o meio de entrada da maior parte dos discentes se deu pelo ENEM, tendo 5 participantes prestando-o via cota e 4 pela ampla concorrência.

O mais interessante são os motivos apresentados pelos participantes pelos quais decidiram regressar aos estudos e ter formação superior, sendo eles: melhoria da vida profissional e pessoal, realização de um sonho, vontade de obter formação no ensino superior, tempo livre e o gosto por estudar. Contudo, mesmo vencendo uma grande barreira que é ingressar na UFU, os discentes apresentaram algumas dificuldades pós ingresso e também para se manter dentro da universidade. O maior obstáculo encontrado por eles foi conciliar trabalho e família com os estudos (11 respostas de 13), ademais a falta de tempo para estudar, dificuldade com os conteúdos específicos, pandemia, dificuldade em terminar o TCC, problemas pessoais e notas ruins. Além dos fatores operacionais verificou-se, a baixa autoestima e a ansiedade ao realizar as provas, também como motivos de dificuldades para a permanência no ES.

Entretanto, facilidades também puderam ser observadas, tais quais a maior responsabilidade com a aprendizagem (8 respostas de 13) e as experiências de vida (7 respostas de 13) e profissionais (7 respostas de 13). Para tanto, muitos relataram que se

sentiram acolhidos pelos professores e colegas, o que facilita o sentimento de pertencimento e aumenta a confiança e perseverança em terminarem o curso.

Por fim, notou-se que há sim, alguns pontos de melhoria que o curso de Licenciatura em Química da UFU poderia realizar para que haja o melhor aproveitamento e que tornem o processo de aprendizagem desses discentes mais fácil. Os pontos apresentados foram: adequar horário de atendimento, aulas de reforço e palestras para os discentes que trabalham, aumentar o contato com a prática, professor se adaptar a turma e ensinar de acordo com as necessidades daquela turma, diminuir a quantidade de tarefas, programa mais curto para os portadores de diploma, grade horária mais flexível e maior tempo para conclusão do curso, ampliação do projeto Café na Química (darem mais aulas de pré-cálculo e pré-química), aumentar a quantidade de monitores e ter a possibilidade de se ter matérias *online*. Assim, é importante que as necessidades sejam revistas e levadas a sério para que os discentes sejam capazes não só de ingressar no ensino superior como se manter nele, fazendo com que essa porta de entrada não seja apenas uma “porta giratória”.

REFERÊNCIAS

AREOSA, Silvia Virginia Coutinho; FREITAS, Cristiane Redin; LAMPERT, Melissa; TIRELLI, Cláudia. Envelhecimento ativo: um panorama do ingresso de idosos na Universidade - Revista Reflexão e Ação, v. 24, n. 3, p.212-228, Set./Dez. 2016.

ALMEIDA, L. S. Transição, adaptação e rendimento acadêmico de jovens no ensino superior. 2004. Universidade do Minho, Braga, 2004.

ALMEIDA NETO, Manoel de. A expansão e a persistência das desigualdades no sistema de ensino superior brasileiro. In: FAHEL, Murilo et. al. (orgs.). **Desigualdades educacionais e pobreza**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2013, p. 49-68.

BARBOSA, Andréa Santos; OILIVEIRA, Aurelice Barbosa. **O ingresso tardio na universidade: desafios enfrentados pelos “estudantes maduros” do curso de química**. V. 13, n. 2, Abril/Junho 2022.

CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO. **O que contribui para o aumento da expectativa de vida**. 23 de março de 2021. Disponível em: <https://www.posead.saocamilo.br/o-que-contribui-para-o-aumento-da-expectativa-de-vida/noticia/148>. Acesso em: 22 de março de 2024.

GALINDO, Marcelo. EDUCA MAIS BRASIL. **Quem somos?** Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/quem-somos>. Acesso em: 12 de abril de 2024.

GUERREIRO-CASANOVA, Daniela Couto; POLYDORO, Soely A. J. **Autoeficácia e integração ao ensino superior: um estudo com estudantes de primeiro ano**. Unicorsidade Estadual de Campinas, Campinas – SP, 2011.

GUIMARÃES, José Ribeiro Soares. Envelhecimento populacional e oportunidade de negócios: o potencial de mercado da população idosa. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15. **Anais..** Campinas: Abep, 2006. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_540.pdf. Acesso em: 22 de março de 2024.

HAGEMANN, Robert. P.; NICOLETTI, Giuseppe. Population ageing: economic effects and some policy implications for financing public pensions. **OECD Economic Studies**, n. 12, p. 51-96 [Spring 1989]. Disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/17/18/35379092.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2024.

MATTA, Cristiane Maria Barra da; LEBRÃO, Susana Marraccini Giampietri; HELENO Maria Geralda Viana. Adaptação, rendimento, evasão e vivências acadêmicas no ensino superior: revisão da literatura - Psicologia Escolar e Educacional, v 21, n 3, Setembro/Dezembro de 2017: 583- 591.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Agenda Territorial de EJA**. Educação de Jovens e adultos é prioridade para o governo. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32737-eja#:~:text=Programa%20%E2%80%93%20Realizado%20pelo%20Minist%C3%A9rio%20da,jovens%20e%20adultos%20\(EJA\)](http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32737-eja#:~:text=Programa%20%E2%80%93%20Realizado%20pelo%20Minist%C3%A9rio%20da,jovens%20e%20adultos%20(EJA).). Acesso em: 22 de março de 2024.

PAULA, Maria de Fátima Costa de. Políticas de democratização da educação superior brasileira: limites e desafios para a próxima década. **Revista de Avaliação da Educação Superior**, v. 22, n. 2, p. 301-315, jul. 2017.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. Pesquisa qualitativa na atenção à saúde. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2005. 118 p.

QUINTAS, Helena; GONÇALVES, Teresa; RIBEIRO, C. Miguel; MONTEIRO, Rute; FRAGOSO, António; BAGO, Joana; SANTOS, Lucília; FONSECA, Henrique M. Estudantes adultos no Ensino Superior: O que os motiva e o que os desafia no regresso à vida académica. **Revista Portuguesa de Educação**, 2014, 27(2), pp. 33-56. 2014.

RAPOSO, Denise Maria dos Santos Paulinelli; GÜNTHER, Isolda de Araújo. O ingresso na Universidade após os 45 anos: um evento não-normativo. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 1, p. 123-131, jan./mar. 2008.

REIS, Carla; BARBOSA, Larissa; PIMENTEL, Vitor. **Envelhecimento e transição demográfica**. 3 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/conhecimento/noticias/noticia/envelhecimento-transicao-demografica>. Acesso em: 22 de março de 2024.

SANTOS, Georgina Gonçalves dos; SILVA, Lélia Custódio da. A evasão na Educação Superior entre debate social e objeto de pesquisa. In: SAMPAIO, Sônia (org.). **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: Edufba, 2011, p. 249-262.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Censo: número de idosos no Brasil cresceu 57,4% em 12 anos. 27 de outubro de 2023**. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/10/censo-2022-numero-de-idosos-na-populacao-do-pais-cresceu-57-4-em-12-anos#:~:text=Em%202022%2C%20o%20total%20de,7%2C4%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 22 de março de 2024.

VARGAS, Hustana Maria; PAULA Maria de Fátima Costa de. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na Educação Superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação**, v. 18, n. 2, p.459-485, jul. 2013.

VERAS, Renato. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, jun. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsp/a/pmygXKSrLST6QgvKyVwF4cM/#>. Acesso em: 23 de março de 2024.

VERAS, Renato. Fórum. Envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.23, n. 10, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/RvKpSzNFnkhDGd6MRrD5jyt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 de março de 2024.

ZANON, Rodrigo Rafael; MORETTO, Antonio Carlos; RODRIGUES, Rossana Lott. Envelhecimento populacional e mudanças no padrão de consumo e na estrutura produtiva brasileira. **Revista Brasileira de Estudos da População**. Londrina, v. 30, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/vygyBctbRwcxZwqvbbjzVRx/#>. Acesso em: 23 de março de 2024.

ANEXO A – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO